

FRANCISCO MOITA FLORES

O MENSAGEIRO
DO REI

|||||
casadasletras

NOTA PRÉVIA

Esta obra é uma ficção não biográfica. Os personagens são carne e osso, coração e alma, feitos de palavras. O jogo com alguns nomes não passa de um gesto de afeição que nada tem a ver com qualquer vida ou biografia. É tão-só o prazer do reconhecimento e da amizade.

Embora seja editado em 2017, vai assinado e datado com o ano em que foi escrito. Cumpri trinta e cinco anos de carreira literária. Um caminho farto, um rio de palavras para cinema, para televisão, para teatro, para romance, que não queria celebrações exteriores. É este romance que sinto como verdadeira festa de aniversário. Como disse, tudo começou há trinta e cinco anos, em Finisterra. Uma decisão de vida, carregada de desafios, de riscos, de muitas alegrias. E de muito sofrimento.

Por diversas vezes, tentei reencontrar Finisterra e perdi o rumo, adiando sempre o dia do agradecimento. Por vezes, estive perto, tão perto que lhe sentia o bater do coração.

Foi agora. Ali, foram feitas as últimas correcções, como se regressasse ao colo da decisão que haveria de traçar este caminho, já longo, feito de palavras, que vos entrego com a mesma paixão com que, há trinta e cinco anos, comecei esta jornada.

Finisterra, Dezembro de 2016

MATANÇA DE REIS

Rigoberto era mensageiro dos Correios, Telégrafos e Faróis, ia fazer vinte e três anos e usava bigode. Tinha uma qualidade especial. Agora, que a empresa estava a distribuir bicicletas a quem entregava telegramas, ele pedalava com tal vigor que se transformava numa perdiz, em voo raso, pelas ruas de Lisboa. Nem os automóveis, que começavam a chegar – *Panhard, Peugeot, Dion Bouton* –, conseguiam ir tão rápidos quanto ele. Galgava a Rua Augusta, era lebre a subir ao Chiado, estorninho ligeiro nas ruelas de Alfama e Bairro Alto. Porém, gostava de se comparar à perdiz, asas abertas, elegante, a rasgar as alturas com a velocidade de um suspiro. Havia apenas uma exceção na sua conduta de ciclista mensageiro. Tinha cautela ao ultrapassar os raros automóveis que encontrava da *Fiat*. Por respeito à Casa Real. O infante D. Afonso, irmão de Sua Majestade el-rei D. Carlos I, era conhecido pela sua paixão por automóveis e pelos gritos que soltava, quando conduzia. Arreda!, arreda!, berrava sem cessar para afastar transeuntes desprevenidos, vendedores de galinhas, marçanos na distribuição de compras, ardinias apregoando os títulos dos jornais. O povo era impiedoso, apesar de encher as igrejas para rezar as missas dominicais, e Afonso deixara de ser infante. Era o *Arreda!* Os periódicos republicanos, sobretudo *O Século* e

O *Mundo*, usavam a alcunha com sarcasmo contra ele e, nele, contra toda a Família Real.

Naquele dia um de Fevereiro era sábado. Corria o ano de 1908. Apesar do frio, um sol ameno iluminava Lisboa. Rigoberto deixou a bicicleta na estação dos Correios e dirigiu-se ao Terreiro do Paço. Estava combinado um petisco, com outros colegas de trabalho, na Tasca da Inácia, ali ao Campo das Cebolas. Um coelho-bravo que o Segismundo, o seu chefe, caçara nos matagais da Porcalhota.

Tornara-se num hábito. Todos os sábados, ao fim da tarde, abancavam em frente a uma iguaria, sobre a qual discutiam toda a semana, regada com morangueiro, quase festim que antecipava o dia de folga.

O jovem não podia imaginar, quando procurava os colegas no sítio habitual, defronte do Martinho da Arcada, que ia ver matar um rei e um príncipe, pois não sabia que a Morte estava na imensa praça à espera das suas presas.

É verdade que achou estranho o intenso movimento de pessoas que saíam de várias ruas em direcção às arcadas opostas àquelas onde os seus companheiros já o esperavam. Uma pequena multidão debruava os passeios e a concentração era maior na esquina que abria para a Rua do Arsenal.

– O que aconteceu? É greve ou manifestação? – perguntou, curioso, ao chegar junto do grupo.

Foi o caçador de coelhos que informou com desprezo:

– A Família Real está a chegar no vapor. Vêm de Vila Viçosa e junta-se esta gentinha toda para aplaudir a cáfila de parasitas que nos rouba sem qualquer pingão de vergonha.

Diga-se que Segismundo, o chefe de Rigoberto, era um republicano assanhado, leitor militante dos seus deuses – Teófilo Braga, Magalhães Lima, João Chagas, entre muitos. Naquele dia, as palavras azedas resultavam do decreto redigido por João Franco e assinado pelo rei, dias antes, que impunha o degredo a quem se manifestasse ou reagisse à ordem pública imposta pela ditadura.

– Será que *o Arreda* veio de automóvel esperar o irmão?
– gracejou o Lopes, da Distribuição.

– Cortejo real pede coche. Ficava mal, o infante aos berros, Arreda!, arreda!, em coisa tão solene. Olhem lá ao fundo, junto ao Cais das Colunas! – avisou o Bernardo, do Atendimento, que tinha a fama e o proveito de ser um dos mais poderosos garfos de Lisboa.

Na verdade, enquanto mais gente chegava, vinda da Rua do Ouro e doutras artérias vizinhas para assistir à passagem da Família Real, ladeando o rio agitava-se uma procissão de carruagens e de coches, com os cocheiros manobrando as parelhas de cavalos para tomarem lugar no cortejo.

A notícia viera nos jornais do dia anterior. D. Carlos, acompanhado da rainha D. Amélia e do príncipe Luís Filipe, viajarão de comboio de Vila Viçosa para o Barreiro, tomando o vapor para a Estação Sul e Sueste.

Regressava da época de caça, um prazer indiscutível, que gozava na procura de gamos e javalis, lebres e perdizes, na Tapada do Palácio dos Bragança e nos campos em volta. Nem a tentativa de atentado contra a ditadura de João Franco, que acontecera a 28 do mês de Janeiro e que levou à prisão dezenas de republicanos importantes, o afastava das matilhas de perdigueiros e das caçadeiras que usava com satisfação de predador.

– Olhem! – exclamou Rigoberto apontando para o rio.

Vindo do lado da estação fluvial, surgia o coche da realeza, descoberto, bordejando o rio e, à distância a que se encontrava, deixando ver três figuras reais. O cocheiro conduzia os cavalos num trote manso e as restantes carruagens enfileiraram atrás de D. Carlos. A escolta era pequena, dois militares, que seguiam um pouco adiante, e um outro cavaleiro, possivelmente mais graduado, que acompanhava o rei.

Ainda não torneara a Praça do Comércio para enfiar em direcção à Rua do Arsenal, e debaixo das arcadas começaram a soar os primeiros aplausos.

– Vê-se mal daqui. Nem consigo distingui-los – comentou o Lopes, avançando uns passos.

– Ao lado do rei vai a megera e de frente para eles vai o filho Luís Filipe ou o *Arreda* – informou Segismundo, como se tivesse olhos de falcão.

– O *Arreda* não é. Conheço o cocheiro dele e passou por aqui, quando cheguei, com os cavalos a galope pela rua fora – disse Bernardo e, com alguma impaciência, levantou o verdadeiro problema que os juntara naquele lugar: – E se fôssemos comer o coelho, que a Inácia já deve estar à nossa espera, em vez de estarmos aqui, de braços cruzados, a observar um cortejo que passa ao largo e uma multidão que sai de casa para bater palmas porque não tem mais nada para fazer? Estou com fome.

– É o teu verdadeiro drama, Bernardo. Acordas com fome, trabalhas esfomeado, ficas com fome depois de comer. Não és um ser humano, és uma tripa.

– Gostar de petiscos não é crime. O verdadeiro crime é termos o petisco à espera e estarmos para aqui, deleitados com a Família Real, revelando desprezo pelo coelho guisado. Este, sim, merece real atenção! – resmungou, impaciente.

Bernardo viera de Moura. O pai, o Miguel Ferrador, fizera a tropa em Cavalaria. Era ferreiro e o capitão da sua companhia possuía uma oficina onde precisava de alguém com habilidade para fazer ferraduras. Ofereceu-lhe trabalho quando acabou o serviço militar, com direito a casa numa das ilhas operárias que cresciam junto ao Casal Ventoso, e o soldado não pensou duas vezes.

No dia em que abandonou a obrigação militar, meteu-se ao caminho e chegou à Latoa, sítio da vila onde tinha casa, depois de abraçar a família, proclamou solenemente:

– Vamos para Lisboa. O meu capitão contratou-me por um ordenado que é três vezes maior do que qualquer jorna que eu ganhe por estas bandas.

Ainda houve lágrimas de despedida, dando razão ao cantar alentejano: *A palavra saudade/Aquele que a inventou/ A primeira vez que a disse/ Com certeza que chorou*. Porém, Miguel Ferrador trazia consigo a chave para um futuro menos triste. Com a mulher e o filho Bernardo, na altura com quinze anos, fugiram a sete pés da fome que esmagava o Alentejo e ele regressou à capital. Trouxeram a pouca roupa e os hábitos de muitas vidas vividas. Não esqueceu o vaso de poejos, nem a caixa com terra onde se multiplicavam coentros. Era o bocadinho de sabores que a sua gente, agora distante, lhes ensinara. Bernardo ajudava o pai na forja, dando ar ao fole que soprava o fogo para moldar o ferro e, ao fim da tarde, acompanhava-o pelas tascas de estivadores e operários das pedreiras da encosta da ribeira de Alcântara. Nunca mais lhe perdera o gosto.

Nesse tempo, Lisboa crescia com gente vinda de lugares distantes, desde a Galiza até ao Algarve, e a família do ferreiro engrossou a cidade feita de muitos viveres e falares. Chegavam dos sítios mais inacreditáveis, com a mesma ânsia: matar a fome!

Quando, anos depois, cansado da forja e o pai, exausto pela doença, não conseguia ser o guerreiro de outrora, o patrão, agora já coronel, conseguira um empenho junto do mandachuva dos Correios. No virar do século, no primeiro de Janeiro de 1900, Bernardo entrou, orgulhoso, para os Correios, Telégrafos e Faróis. Começou uma carreira que, agora, a sentia como missão ao ser chefe do Atendimento. Porém, do passado, trazia as saudades do pai, que, entretanto, desistira de viver, pulmões rebentados pela fuligem e pela tísica, e a grande disponibilidade para os petiscos. E continuava a produzir, no beiral da sua janela, poejos e coentros. Agora, também se dedicara à hortelã, erva mágica, que Deus inventou para transformar a canja de galinha em alimento de deuses.

– Já agora, deixa ver esta feira das vaidades. O rei vai com a farda de generalíssimo. Quer mostrar que comanda exércitos para esmagar o povo – voltou o militante à carga.

O Lopes comentou:

– O povo gosta de ser maltratado. Olha como aplaude a trupe.

– Não admira que venha preparado para a guerra. Tem ajudado o João Franco a fomentá-la. Esta gente está a dar as últimas, garanto-vos eu. Nem vai ser preciso fazer uma revolução. Caem de podres – enfatizou o chefe de Rigoberto.

– Segismundo, dizes-te republicano, arrasas a Monarquia, sonhas com a tal República, que nos levará à liberdade, igualdade e fraternidade, e depois ficas de beicho a tremer de emoção porque está a passar um cortejo real.

Reagiu Bernardo e reafirmou:

– No que me diz respeito, estou farto de cortejos e tenho fome. Espero por vocês na Tasca da Inácia.

Foi Rigoberto quem lhe segurou o braço.

– Espere mais um minuto. Vão virar na Rua do Arsenal e acabou-se o espectáculo. Já falta pouco.

A multidão aplaudia, entusiasmada, e o monarca correspondia com acenos de agradecimento aos gritos de «viva o rei!». Os empregados do Martinho da Arcada saíram à rua e juntaram-se ao grupo que, de longe, assistia ao desfile. Um deles vociferou:

– O canalha do João Franco deve ir escondido numa daquelas carruagens fechadas. Se mostrasse o nariz, o povo comia-lho à dentada.

O Bernardo soltou uma gargalhada.

– Comer à dentada o nariz do chefe do Governo não deve ser lá grande petisco. O coelho que está à nossa espera é com certeza bem mais saboroso.

As últimas palavras do funcionário do Atendimento dos Correios foram abafadas pelos ecos repetidos do disparo de uma arma. O ricochete do som da explosão nas paredes, que envolviam a praça, pareceu o ribombar de um trovão, e por um instante, o tempo que demora um relâmpago, um silêncio terrível assolou o Terreiro do Paço.

Foi o momento em que a Morte se levantou. Já escolhera quem iria levar.

Ao segundo disparo, soltou os seus demónios, que se embrenharam entre a multidão, a qual já não gritava «viva o rei», mas que uivava de medo, numa estonteante algazarra histérica. Fugiam gentes em desvario. Acorriam outros, herdeiros de São Tomé, tão incapazes de acreditar no poder misterioso da Morte que se aproximavam para testemunhar com olhos de ver, indiferentes à sucessão de tiros, e por entre a tempestade de berros e de urros elevavam-se acima de tudo, chegando ao céu, os gritos desvairados da rainha:

– Infames! Infames!

Amélia de Orleães, rainha de Portugal, armada com um ramo de flores, desvairada, procurava defender o marido e o filho de um outro atirador que subira para a carruagem. Luís Filipe ainda disparou contra ele, mas o carbonário jurara levar, no seu sacrifício, todos os mortos que impedissem a chegada da sonhada República e também respondeu a tiro.

A Morte fez soar as trombetas do Apocalipse, anunciando o final dos tempos quando a fuzilaria da polícia separou culpados e inocentes, sedenta de sangue. Deixou que a carruagem partisse a galope pela Rua do Arsenal fora. Recolheu no seu regaço as almas dos assassinos e das suas vítimas, todos por si subjugados, roubando-as à misericórdia divina. E partiu para os conduzir ao Juízo Final, algures, para lá do infinito.

Rigoberto, coração aos pulos de espanto, não se apercebeu de que os seus companheiros de petisco tinham desaparecido, perdidos de medo de balas perdidas e, indiferente ao turbilhão que estremecia Lisboa, avançou ao encontro dos mortos e dos polícias transtornados, que chacinavam os assassinos e procuravam em desvario outros atiradores por entre a multidão, a qual fugia dali para se voltar a reunir mais adiante em pequenos grupos discutindo, excitados, a imponência da Morte que haviam olhado nos olhos.

De repente, aquela esquina da cidade cheirava a sangue real e da Rua do Ouro até ao Cais das Colunas, da Rua da Prata, correndo veloz até à Praça da Figueira, repetiam-se as mesmas palavras como se fosse o som monótono da chuva a bater sobre os beirais. «Mataram o rei!», «mataram o rei!»

Por muito tempo, este ruído murmurado acompanhou Rigoberto, «mataram o rei!», «mataram o rei», incapaz de se reconhecer em São Tomé. Por mais que visse, não conseguia acreditar na carnificina que, diante de si, acabara de acontecer. Uma vendedora de castanhas assadas, mãos cruzadas, olhos flamejantes de medo, implorava a Deus que tivesse piedade, e a florista, que vendia no canto da praça mais próximo da desgraça, cobriu as flores com um imenso pano, temendo que murchassem de dor ao verem tão infame tragédia.

UM BUÍÇA SEM GRANDE JEITO PARA MATAR

Um grito irritado ribombou pelas arcadas do Terreiro do Paço.

– Corta!

Luís Filipão da Costa irrompeu entre os figurantes, passo acelerado, em direcção ao Buíça.

– Lixaste-me o plano, pá! Ia tão bem e tu lixaste tudo. Tudo!

– Como? Fiz o que o teu assistente mandou. Pus o joelho no chão e disparei.

– Com o olho direito fechado?! Estava do caraças, pá! E tu fechaste-me o olho direito.

O realizador era assim. Parecia que o céu vinha abaixo quando filmava um plano e a coisa não corria como ele imaginara. Era uma fúria contida, expressa nos olhos esbugalhados e na voz alterada. Quem não o conhecesse, ficaria assustado com as suas investidas sobre os actores em cena ou sobre qualquer elemento da equipa que desafinasse. Porém, era um foguete. Explodia e, instantes depois, desaparecia a tempestade com sonoras gargalhadas, qual raio de sol espreitando entre nuvens sombrias. O actor conhecia-lhe o feitio, e com voz suave, o verdadeiro remédio para enfrentar a raiva momentânea, perguntou:

– Luís, desculpa. Quando se dispara não é suposto fechar um olho?

– Mas é o olho esquerdo – gritou.

Apontando o dedo em riste ao rosto do outro, explicou com severidade:

– Sabes que tens um olho direito e um olho esquerdo, um braço direito e um braço esquerdo, até deves ter um tomate esquerdo e um tomate direito, e encostaste a arma ao ombro direito. Logo, és destro. Sabes o que é essa merda? Há gajos canhotos, como o Barack Obama. São poucos porque a maioria, quase todo o planeta, sejam reis ou plebeus, presidentes ou um ranhoso qualquer, é como tu. Destros! Portanto, empunhas à direita e fechas o olho esquerdo, estás a perceber? É o direito que procura a mira da arma, pá! É isto! – e, arrancando a carabina das mãos do actor, Luís empunhou-a e completou os gestos, apontando à estátua de D. José. – Estás a ver? É assim. Se eu fosse o marquês de Távora e quisesse limpar o sebo ao D. José, era assim. Apontar à carola, disparar e lá se ia o D. José para o caraças. Olho esquerdo fechado e o outro na mira, na ponta do cano. Se fosses esquerdino é que fechavas o olho direito. Merda, pá!

– Desculpa, não sabia.

A ira tornou a crescer.

– Não sabias? Não sabes o que é uma carabina? Uma caçadeira? Uma fisga? Nunca meteste uma linha no cu de uma agulha?

– Nunca peguei numa arma para disparar. Essa história do olho para mim é nova. Mas pronto, já percebi. Explicaste bem.

O silêncio era absoluto. Apenas um suave murmúrio do Tejo a afagar o Cais das Colunas e todos os presentes expectantes. O realizador era conhecido pelo talento, pelo humor e pelas explosões de cólera. E também pela bondade e admiração pelos actores, que, a maioria das vezes, mitigava quando executava um trabalho.

Já mais calmo, ordenou ao Buíça:

– Repete lá. Põe a espingarda à cara.

– De joelhos ou em pé?

– Não interessa. Só quero ver que olho fechas. Que porra, Manel. Tens a cara do Buíça, tens o corpo do Buíça e, pelos vistos, a inteligência do Buíça. Faz o gesto!

O homem ajoelhou, com cuidado ajeitou a arma ao ombro e apontou para algures junto ao Arco da Rua Augusta.

– É assim? – perguntou timidamente.

– Claro que é assim. Toda a gente sabe que é assim. Um plano de quase dois minutos, pá. Vínhamos com a carruagem, até os burros dos comerciantes de barro entraram à marca, o raio do americano no sítio certo, os figurantes a fazerem bem as manifestações de alegria e depois a mostrarem o medo, o rei bem morto, o duelo do Alfredo Costa com o príncipe está do caraças, a rainha foi brilhante na luta com o ramo de flores, tudo certo, e tu fechas-me o olho direito! Que vida a minha. Mas que vida a minha!

Luís Filipão gesticulava, enquanto caminhava em círculos de passos rápidos em torno do actor, que, desolado, tornava a empunhar a arma e a fechar o olho esquerdo, preocupado em não repetir o erro.

O assistente de realização, João Calado aproximou-se.

– E agora? O que fazemos? Repetimos tudo? – perguntou.

– Foi um plano espectacular, João. Estava lindo e este gajo troca os olhos. Um Buíça que mata o rei de olhos trocados não é um revolucionário. É um Buiçinha fugido de Rilhãfoles.

– Tens de decidir se repetimos porque daqui a pouco não temos figurantes – olhou para o relógio e informou: – Mais duas horas, vão embora e o dono dos burros já perguntou se isto é para durar até à noite.

– Raios, pá! Raios! Seis horas a preparar esta marmelada. Vai-se embora quase um dia de trabalho porque tenho um actor que não sabe dar um tiro. Se repetirmos, não há

tempo para fazer os planos da morte do Buíça e do Alfredo Costa?

– De certeza. Precisamos de uma tarde ou uma manhã para matar os dois.

A anotadora aproximou-se discretamente, embora trouxesse mais lenha para o incendiado transtorno do realizador.

– Não temos mais fardas de D. Carlos.

Filipão da Costa olhou-a como se a fuzilasse.

– Não temos? O quê?

Rita era uma mulher serena, habituada às crises, e esclareceu como se não estivesse no meio de um tremor de terra:

– O efeito especial tinha sangue a mais. Quando explodiu encharcou o dólman. Está muito sujo e, mesmo que se lave, vai demorar algum tempo a secar.

O realizador fitou-a em silêncio e Rita não baixou os olhos. Pareciam medir forças antes de uma luta sem quartel e, de súbito, o rosto dele distendeu. A cada crise de cólera sucedia-se um rasgo de génio.

Perguntou à anotadora:

– O material está todo bom?

– Perfeito. Só quando sais da carruagem onde matam o rei e o príncipe e vais para o Buíça é que se vê o Manel de arma apontada e o olho fechado ao contrário.

Transfigurou-se. O corpo agitava-se, agora, em frenesi.

– Tive uma ideia. Ainda fica melhor. É isso! Ainda fica melhor!

– Não repetimos?

– Não. A cena fica como está. Não precisamos de ver o Buíça a disparar. Chama o gajo dos efeitos especiais. Depressa! Ele que ponha duas cargas de fumo na carabina.

E dirigindo-se ao actor, informou-o severamente:

– Já não te vejo a disparar. A câmara está no cano da arma. Só quando abrir o plano é que tu apareces. Precisas de empunhar a arma, fechar o olho certo e apontar.

– Aponto para quem?

– Para a câmara.

E gritou para o operador.

– Elias, vem para aqui. Depressa!

Finalmente, dirigiu-se ao João e à Rita.

– Temos os reis mortos, a carruagem já passou. As outras carruagens param. Corta! A seguir, o plano começa fechado no cano da espingarda. Vê-se o fumo a sair dos dois disparos. Metemos o som dos tiros em pós-produção. Percebes? O fumo sai, abrimos o plano e vê-se a cara do Buíça e depois o corpo inteiro, de joelhos, ainda a apontar. Depois, passa outra vez para a cena com a confusão dos gritos e dos polícias e dessa gente toda em pânico, e que já está feita. Só preciso que aquele gajo não troque os olhos e faça isto num *take*. Perceberam? Elias, percebeste? Buíça, percebeste? Rita?

A anotadora assentiu com um gesto de cabeça, enquanto assinalava no seu caderno a sequência de planos para a montagem. Filipão bateu palmas, entusiasmado, chamando a equipa ao trabalho.

– Vá, depressa. Tudo aos seus lugares. Não preciso de som. Depressa e ainda hoje matamos o Buíça e o Alfredo Costa.

– Sendo assim, posso dispensar a Família Real? – perguntou João.

– Podes. Menos o D. Manuel e o *Arreda*. Quero uns planos do puto transtornado por causa da morte do pai e também do tio borrado de medo.

O assistente de realização gritou para o conglomerado de actores e figurantes, que à distância observava os humores do realizador:

– O rei, a rainha e o príncipe Luís Filipe estão dispensados. O resto da malta aguenta mais um pouco. É só fazer um plano muito simples e vamos matar os dois conspiradores. E silêncio, se faz favor!

Entretanto, Filipão dava instruções ao actor que representava o papel de Buíça.

– Toma atenção, Manel. Este Buíça não era um burgesso qualquer. O gajo sabia música e dava aulas de francês. Não era um javardolas. E sabia disparar com precisão. Quando estive na tropa, até foi distinguido por ser bom atirador. Portanto, esta *Winchester* é para ser manipulada como se fosse uma extensão dos teus braços. E não faças cara de talibã.

– O que é isso de cara de talibã?

– Não vês cinema? Não vês televisão? Os terroristas do Daesh ou da Al-Qaeda são todos iguais. Olhos parados, sem expressão, são todos o cu da alma. Tudo feito a papel químico. Já vi dezenas de filmes e séries de televisão sobre terrorismo e a ideia é sempre a mesma. Mostrar que não têm sentimentos. São gelo e isso é mentira. É um ponto de vista ideológico, não é cinematográfico. Se um dia fizer um terrorista, não tenhas dúvidas, que lhe vou dar as emoções que ele vive, em vez de pôr o actor a fazer de conta que é um pau. Tal como o teu personagem. O meu Buíça é um homem devotado à República. Odeia o rei e o que ele representa... estás a ouvir? Não te esqueças disto quando gravarmos as cenas de preparação do Regicídio, no Café Gelo. És um homem apaixonado por um ideal. Não tenhas medo de mostrar paixão. Vamos ensaiar. Cuidado com o olho que fechas.

Manuel Soares respirou fundo, olhar fixado no chão num movimento de concentração. Ergueu a arma com uma mão e manipulou-a como se lhe quisesse dar um pedaço da sua vida, tornou a encher o peito de ar e expulsou-o com energia. Quando colocou o joelho em terra já era o Buíça. Um cigarro amachucado no canto dos lábios a contrastar com a hirta barba negra, o olhar húmido, um ténue sorriso e o realizador segredou para o operador:

– Começa a filmar – levantou a voz e disse, calmo, ao actor: – Muito bem, Manel. Já estamos a filmar. Faz igual desde o início. Acção!

O assistente de realização gritou:

– Silêncio. Vamos filmar!

Buíça alheou-se da pequena multidão que recebia Suas Majestades no Terreiro do Paço. Firmou com segurança a arma contra o ombro, procurou a mira e o dedo puxou suavemente o gatilho. A morte levava um sorriso de escárnio ao despedaçar o pescoço do rei. Pestanejou e recentrou a arma para o segundo disparo, que rebentou com o ombro esquerdo de D. Carlos. Ligeiras nuvens de fumo negro saíam pelo cano do rifle, anunciando a presença da Morte na mais bela praça de Lisboa.

Ouviu-se:

– Corta!

E Luís Filipão da Costa, emocionado, agarrou Manel pelos ombros.

– Está feito. Nem é preciso repetir. Fechaste o olho certo, eras um verdadeiro republicano convicto. Gostei do sorriso irónico. Este Buíça deve ter tido um orgasmo quando despachou D. Carlos. Sabia que ia morrer e, mesmo assim, sorria. Muito bem, Manel. És um grande Buíça!

O actor despertou do personagem com alguma perplexidade. Ainda não passara uma hora desde que fora maltratado pelo realizador e, agora, via-o rendido, quase a abraçá-lo.

– Não queres mesmo repetir?

Luís meneou a cabeça.

– Está um plano do cacete e não vamos fazer melhor. Obrigado, Manel. Os republicanos que virem este filme vão ficar na dúvida se te amam ou se te odeiam, e os monárquicos vencidos pela tua convicção.

João Calado aproximou-se.

– Está feito? Esquecemos a claquete.

– A Rita que anote e faz claquete final. Não vou repetir. Que cena é a seguir?

– Dava jeito matar primeiro o Buíça. O Manel ainda pode apanhar o comboio para o Porto, se acabarmos cedo este *take*.

Luís Filipão olhou, intrigado, para o actor:

– Ainda vais hoje para cima?

– Se conseguires despachar-me. Amanhã, tenho espectáculo em Gaia – respondeu, esclarecendo: – Uma peça do António Patrício. Por acaso, sobre esta época decadente da Monarquia que a minha companhia tem em cena há dois meses.

– Muito bem. Vamos despachar-te – voltando-se para o assistente, ordenou: – Vamos matar o Buíça para que o nosso Manel tenha tempo de apanhar o comboio. Põe os figurantes aos gritos e em confusão. Quero som ambiente e movimento.

Consultou um bloco de notas, onde tinha a planificação do trabalho, e perguntou:

– Quem é o gajo que faz de oficial de escolta do rei? Ele não vai aleijar o Manel quando lhe der com o sabre?!

– É aquele tipo que está a cavalo. É capitão de Cavalaria e ofereceu-se para entrar no filme – explicou João Calado.

– Capitão a sério ou faz de capitão Francisco Freire?

– É capitão a sério. Monta bem a cavalo. Foi a Vitória que o arranjou. É cunhado da irmã e veio à borla.

– Seja como for, quero falar com ele e o Manel que venha aqui. Ainda se julga em combate, mata-o mesmo e amanhã já não há espectáculo em Gaia. É preciso cuidado com estes furiosos dramáticos.

João Calado acenou a um jovem robusto e moreno, que, um pouco afastado, montava um cavalo cor de azeviche, e Luís apreciou com agrado a maneira como ele manobrava o animal. Ainda não tinha estacado e já o realizador o questionava:

– Explicaram-lhe o que veio fazer, para além de escoltar a carruagem do rei?

– Sou o primeiro a ferir o Buíça, não é? – ripostou.

– Ferir é como quem diz. Faz de conta. Isto é um filme, não é para aleijar ninguém. O cavalo é manso?

– É muito dócil.

Aproximou-se do animal e afagou-lhe o focinho. Entretanto, o actor aproximou-se deles e Filipão da Costa explicou: